

COMO SE CONSAGRA UM MITO?

Representações do cangaceiro Antonio Silvino nos cordéis de José Costa Leite

Rômulo José Francisco de Oliveira Júnior¹

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar uma sugestão bibliográfica para estudos sobre o fazer biográfico e alguns procedimentos metodológicos para que os historiadores possam trabalhar a elaboração de narrativas biográficas pelo viés das representações. Tomou-se como exemplo a análise das representações do cangaceiro Antonio Silvino, que foram veiculadas pelos versos do cordelista José Costa Leite, em que este acabou por consagrar o cangaceiro como mito sertanejo, herói, valente e corajoso. Mito disseminado pelo Nordeste brasileiro.

Palavras-chave: Biografia, Cangaço, Representações

Abstract

This article aims to present a literature suggestion to do biographical studies and some methodological procedures that historians can work preparing the biographical narratives of representations. Was taken as example the analysis of representations of the bandit Antonio Silvino, which were conveyed by the verses of cordelista José Costa Leite, in which it finally consecrate the bandit as frontiersman myth, hero, brave and courageous. Myth spread by the Brazilian Northeast.

Key-Words: Biography, Cangaço, Representations

Dois homens e um mito

Atualmente muitos trabalhos sobre as trajetórias de sujeitos de destaque, ou não, na sociedade estão sendo produzidos sob olhares e fontes diversas. Essa polissemia de fontes possibilita perceber como os homens são representados conforme o interesse de quem elabora os discursos proferidos². O historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior advoga que:

Nenhum “fato histórico” possui uma documentação consagrada que não possa ser substituída por outra ou mesmo é constituído de um conjunto de eventos que não possam ser substituídos por outros, o

¹ Graduado e Mestre em História pela UFRPE, Doutorando em História pela UFPE. Bolsista FACEPE. E-mail: romulojunior7@hotmail.com

² Sobre o conceito de representação dialogamos com o historiador Roger Chartier. Ver. CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.

que depende do olhar do próprio historiador e do tipo de história que gostaria de fazer.³

Acredito que existem muitas formas de se elaborar uma trajetória biográfica e a bibliografia sobre este procedimento metodológico já foi sinalizada por historiadores, sociólogos, jornalistas e profissionais que se preocupam em tecer percursos de vida⁴.

Defendo, que mediante a pluralidade em que se mostram os sujeitos na sociedade é preciso que construamos essas escritas de vidas cruzando fontes, vendo as várias representações que uma pessoa pode receber, pois cada um elabora a leitura de mundo que entende do outro. Sugiro ainda, que devemos proceder como autora Vavy Pacheco que advoga ser a maneira mais completa de biografar alguém por meio da escrita de si e por meio do cruzamento de fontes entre informações dos familiares e documentos materiais: fotos, jornais, vídeos, literatura, objetos pessoais⁵.

Muitas análises foram feitas para integrantes do cangaço, com fontes como jornais, documentos policiais, entrevistas, relatórios governamentais, etc. Essa pluralidade de fontes mostram que as representações do cangaço são variadas e que devemos ter um cuidado documental que vislumbre essa dinâmica da produção do texto biográfico.

Uma documentação que tem adentrado de maneira significativa nas análises dos historiadores é a literatura de cordel. Esta literatura é uma das responsáveis por consagrar figuras sociais, personagens e tipos populares que são reinventados no imaginário popular. Destaco a importância dos folhetos de cordel como fonte para o

³ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Um leque que respira: a questão do objeto em História. IN: **História: a arte de Inventar o passado**. Bauru, SP, EDUSC. 2007. p.156.

⁴Sobre autores que elaboram considerações metodológicas do fazer biográfico ver. DOSSE, François. **Le pari biographique: écriture une vie**, Paris: La Découverte, 2005; Cf. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p.183-191; LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p.167-182; LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.) **Jogos de Escala: a experiência da microanálise**. 1ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 1998; GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004; BOAS, Sérgio Vilas. **Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida**. São Paulo: UNESP, 2006; VIANA FILHO, Luiz. **A verdade na biografia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1945.

⁵Idem. p. 214.

historiador, pois mesmo com a virada cultural e a pluralidade de fontes proposta pelos *Annales*⁶, poucos são os pesquisadores que utilizam esta fonte.

Acredito que o uso da literatura de cordel se tornou significativo, pois são produções que retrataram as linguagens de povos e culturas de modo mais humanístico e sensível, apresentavam os meios sociais dos autores, o que eles desejavam descrever, e quais os interesses que eles tinham na construção de determinadas obras.⁷

A literatura de cordel consagrada pelos folcloristas como mito, símbolo da cultura popular nordestina também é responsável por consagrar personagens históricos. Entendo o sentido de mito como propõe Roland Barthes, que em linhas gerais aponta ser um enunciado, um mecanismo de comunicação, um modo de significação. Independente da linguagem um mito transforma o real num discurso, alocado na história. Ou seja, os mitos são históricos, pois são atrelados às formas de pensamento, posturas políticas, culturais e sociais.⁸

Parto neste texto de um conjunto de folhetos de cordel, publicados pela Editora Coqueiro⁹, para elaborar algumas análises de como o cangaceiro Antonio Silvino foi representado enquanto sujeito mitificado na produção do cordelista José Costa Leite¹⁰. Assim, se faz fundamental conhecer a trajetória daquele que buscou por diversas vezes representar o cangaço e seus integrantes como um mito do Nordeste brasileiro. Trata-se da figura do folheteiro José Costa Leite. Nascido em 27 de julho de 1927 na Cidade de Sapé - Paraíba. Não tendo frequentado escola, aprendeu a ler e a escrever por meio dos folhetos de cordel. Em 1938 mudou-se para Pernambuco e passou a viver na cidade de Condado, onde habita até hoje, região da mata-norte, lugar de vastas plantações de cana-de-açúcar e que se tornou cenário de muitos dos seus versos. Segundo dados da Fundação Casa de Rui Barbosa:

⁶ Sobre a virada cultural que vem sendo empreendida desde os anos 1980 ver. HUNT, Lynn.(org.) **A Nova História Cultural**. São Paulo. Martins Fontes. 2001.

⁷ OLIVEIRA JÚNIOR, Rômulo José F. de. **Antonio Silvino: De Governador dos Sertões a Governador da Detenção (1875-1944)**. Recife: Ed. Bagaço, 2012, p.45.

⁸ BARTHES, Roland. **Mitologias**. 11. ed. São Paulo: Difel, 2003.

⁹ A Editora Coqueiro está no ramo de impressão de folhetos de cordel e livros sobre cultura popular desde 1991, onde foi criada na cidade de Olinda. Atualmente funciona na cidade do Recife, sob a direção de Ana Cely Ferraz, na Rua Guaianazes, 521. Campo Grande, Recife, Pernambuco, CEP: 52031-300.

¹⁰ A análise aqui realizada pode ser cotejada com outras fontes para se ter uma percepção de como os sujeitos são representados de maneiras diferentes. Porém, a escolha de usar apenas uma documentação é para exemplificar como se pode proceder com este tipo de fonte.

Em 1949, publica seus primeiros títulos: *Eduardo e Alzira* e *Discussão de José Costa com Manuel Vicente*. Logo em seguida, improvisa-se xilógrafo, gravando na madeira a imagem que ilustra seu terceiro título, *O rapaz que virou bode*. Torna-se, assim, um profissional polivalente, exercendo todas as atividades ligadas à literatura popular: é poeta, editor, ilustrador e continua a vender folhetos, de feira em feira.¹¹



Foto do cordelista José Costa Leite.¹²

Costa Leite ganhou notoriedade em sua área de atuação, atingindo uma produção que lhe rendeu o prêmio “*Leandro Gomes de Barros*” da Universidade Regional do Nordeste, em Campina Grande. A partir de então, sua obra foi exposta nos Estados Unidos e no Chile. Não parando sua projeção, sua poesia chegou à França expondo folhetos e xilogravuras. Aos 80 anos, recebeu o título de Patrimônio Vivo de Pernambuco, em 2006¹³. Costa Leite é membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel e ainda produz e vende seus folhetos por diversos lugares do Brasil.

José Costa Leite não viveu o tempo que o cangaceiro Antonio Silvino atuou nos sertões, pois este teve sua prisão efetuada em 1914 e permaneceu encarcerado até 1937, um ano antes de Costa Leite se mudar para Pernambuco. As histórias que Costa Leite

¹¹ Disponível em http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/JoseCostaLeite/joseCostaLeite_biografia.html. Acesso em 16 de outubro de 2013.

¹² Fonte: Disponível em <http://www.luizberto.com/repentes-motes-e-glosas/um-folheto-profetico-de-jose-da-costa-leite>. Acesso em 16 de outubro de 2013.

¹³ A Lei do Registro do Patrimônio Vivo (Lei nº 12.196, de 2 de maio de 2002) tem como objetivo preservar as manifestações populares e tradicionais da cultura pernambucana, assim como permitir que os artistas repassem seus conhecimentos às novas gerações de alunos e aprendizes. Disponível em http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=607&Itemid=195. Acesso em 16 de outubro de 2013.

versou a respeito de Silvino podem ser consideradas como produções que mitificaram a figura deste cangaceiro como símbolo nordestino. Nestas representações Silvino é o mais valente, aquele que aparece para punir os atos dos desordeiros do sertão, aquele que com o poder da faca encerra lutas, aquele que coloca a mulher no lugar de submissa, e o que com rezas fortes espanta bois bravos, estabelecendo assim a paz na calmaria do sertão. Este cordelista elabora o que nas palavras de Durval Muniz seria uma narrativa lendária, pois:

As narrativas lendárias, os discursos míticos tendem a negar o caráter temporal das coisas e dos homens, tentando dar-lhes ares de intemporalidade. Lutam assim contra o sentido de corrosão, de destruição, de morte, de esquecimento que o tempo possuiu em nossa cultura. Ao retirar do tempo dados eventos e sujeitos, o discurso mítico os alçam à condição de sagrados. O sagrado é, justamente, aquilo que não obedece as injunções do tempo, que vivem num tempo intemporal, num tempo das origens e dos começos absolutos, um tempo suspenso em eternidade, um tempo universal e homogêneo, infenso ao caráter aleatório e disruptivo dos eventos. O evento lendário nunca passa, o sujeito mítico nunca morre, mas não deixam de ganhar novas versões.¹⁴

Não obstante, antes de analisar as representações elaboradas por José Costa Leite para o cangaceiro, se faz necessário conhecer um breve percurso de Antonio Silvino¹⁵. Manoel Batista de Moraes (-1875+1944) foi um jovem do sertão nordestino, que segundo Mario Souto Maior, foi oriundo de uma família de bens e influente na região de Afogados da Ingazeira - PE, uma das regiões em que se fez presente o Cangaço. Souto escreveu que: “Manoel e o irmão, contudo, jamais se viram de rifle em punho, tinha condição social relativamente privilegiada e não cultivavam índole belicosa¹⁶”. Portanto, era um sertanejo que viveria das atividades da fazenda, que buscaria um bom casamento com uma donzela como era o costume, e faria os poucos serviços que lhes fossem solicitados pelo pai, Pedro Rufino Batista de Almeida, que exercia além de cuidados com a fazenda em Afogados da Ingazeira, funções policiais no sertão. A mãe Balbina de Moares, era uma senhora voltada ao lar, preocupada com a

¹⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A Historiografia como irreverência. In: prefácio de OLIVEIRA JÚNIOR, Rômulo José F. de. **Antonio Silvino: De Governador dos Sertões a Governador da Detenção (1875-1944)**. Recife: Ed. Bagaço, 2012. pp20-21.

¹⁵ Para uma leitura mais aprofundada sobre Antonio Silvino ver. OLIVEIRA JÚNIOR, Rômulo José F. de. **Antonio Silvino: De Governador dos Sertões a Governador da Detenção (1875-1944)**. Recife: Ed. Bagaço, 2012.

¹⁶ DANTAS, Sérgio Augusto de Souza. **Antonio Silvino: o cangaceiro, o homem, o mito**. Natal. Cartograf. 2005. p.23.

criação dos filhos e submissa ao Marido, como apresentam as biografias que versam sobre Antonio Silvino.

Segundo Gustavo Barroso a função de subdelegado, exercida por Pedro Rufino, conhecido por Batistão, “trouxe-lhe rancoroso inimigo na pessoa de um fazendeiro vizinho, conhecido protetor de maus elementos, que o subdelegado impediu de praticar abusos, conforme costumava, fiado nos seus asseclas. Quando Batistão deixou o cargo, ele gabou-se publicamente de pretender desfeitá-lo¹⁷”. Esse inimigo era da família Ramos, que na feira de Afogados da Ingazeira, armou uma emboscada e fuzilou Batistão. O fato foi suficiente para reverter a postura do jovem pacífico Manoel e para gestar o espírito de vingança diante da honra ofendida. E como afirma o historiador Eric Hobsbawm:

[...] o fenômeno de rixas familiares que se descontrolam é bem conhecido por aqueles que estudam as sociedades reguladas pela vingança de sangue, normalmente um dispositivo social que traz em si seu próprio freio automático¹⁸.

O que no caso de Manuel não houve freio durante décadas. Assim, segundo as palavras de Mário Souto Maior: “Passou a existir, desde então, mais um cangaceiro no Nordeste, obedecendo a receita de como fazer um: injustiça social + ignorância + influência do meio + outros temperos = igual a Antonio Silvino”¹⁹.

Manoel adentrou no bando do cangaceiro Silvino Ayres e aos poucos aprendeu as táticas de valentia, de lutas, desejos de vingança, ganhou novos inimigos e passou a fugir dos temidos “macacos” (volantes), que por anos desejaram punir suas desordens no sertão. Em combate na vila de Pajeú de Flores- PE, Ayres foi preso, passando agora a assumir o bando Manoel Batista, que em homenagem ao homem que ensinou as táticas e artimanhas de como ser cangaceiro, passou a usar este codinome. Há ainda controvérsias de qual relação eles mantinham, se seriam tio e sobrinho ou padrinho e afilhado, mas na pesquisa encontrei uma nota no Jornal Pequeno que diz ser Silvino Ayres tio de Manuel: “O sobrenome Silvino provém de seu tio Silvino Ayres, não menos conhecido como fascínora dos sertões da Parahyba, em cuja cadeia cumpriu 12 anos de prisão²⁰”.

¹⁷ BARROSO, Gustavo, **Almas de lama e aço**. São Paulo: Cia. Melhoramentos, 1930.

¹⁸ HOBSBAWM, E. J. **Bandidos**. Forense-Universitária. RJ – 1975. p. 62

¹⁹ SOUTO MAIOR, Mario. **Antonio Silvino o Capitão de Trabuco**. Edições arquimedes, 1969. p.34.

²⁰ Jornal Pequeno, 28/11/1914. Mantive a grafia da época.

As andanças pelo sertão, o fizeram ter inimigos e aliados, coiteiros que davam guarida e o mantinha informado das perseguições policiais, além de destinarem alimentos sempre que o cangaceiro rondava as regiões. Após anos de vida no Cangaço numa renhida luta contra a força volante do Alferes Teófanés Ferraz Torres Silvino foi preso no município de Taqueretinga-PE. De Taqueretinga Silvino foi conduzido para Caruaru, onde embarcou no trem da Great Western para o Recife. Encaminhado para a Casa de Detenção, fichado como o presidiário nº 959, e recebeu os cuidados médicos, referentes aos ferimentos que havia sofrido na luta, passando em seguida por um período de recuperação. Silvino esperou na Detenção o dia do seu julgamento.

Na cadeia manteve um “bom comportamento”, evitou entrar em atrito com outros detentos e administradores do presídio. Recebeu visita dos familiares e amigos, poucas vezes deu entrevista a jornalistas. Alfabetizou-se e converteu-se religiosamente, algumas fontes informam que ao protestantismo, outras ao espiritismo²¹. Após 23 anos de prisão enviou um telegrama ao presidente da República solicitando o perdão da pena, pelo tempo já cumprido e devido a sua boa conduta. Em 19/02/1937 foi posto em liberdade, através do indulto cedido pelo presidente Getúlio Vargas.

Na saída circulou pelas principais ruas do centro do Recife na companhia de funcionários da Detenção e de seu filho o Tenente Moraes. Após liberto chegou a ir para o Rio de Janeiro, trabalhou em obras públicas, concedeu entrevistas a intelectuais como José Lins do Rego e Graciliano Ramos, até que regressou ao município de Campina Grande onde residiu até o dia 28/07/1944, dia de sua morte²².

Antonio Silvino viveu conforme as suas normas e as normas da cadeia. Encaixase no contexto de se ver e de ser visto, de integrar o espaço social, bem como o espaço do grupo de cangaceiro. Lembra um pouco *Vitangelo Moscarda*, personagem da obra de *Luigi Pirandello* que não agia conforme as expectativas do grupo social e acabara sofrendo sem remissão a impiedade alheia²³. Muitas vezes foi louvado ou colocado à margem social. Por isso, sua vida foi retratada em diversos olhares e por inúmeras vezes foi o ponto de partida para cordelistas tecer suas narrativas em verso e prosa.

²¹ O Jornal Pequeno de 03/04/1937 apresenta uma entrevista realizada com Silvino, onde ele se diz espírita. Já o escritor Luiz Beltrão no seu livro *Memórias de Olinda* defende que Silvino se convertera ao protestantismo. Cf. em BELTRÃO, Luiz. **Memórias de Olinda**. Recife. Coleção Tempo municipal. Centro de estudos de História municipal. 1996

²² Cf. em. DANTAS. Op. Cit. 2005.

²³ Cf. em. PIRANDELLO, Luigi. **Um, nenhum e cem mil**. São Paulo. Cosac Naify. 2002.

As representações do Cangaceiro Antonio Silvino nos cordéis de José Costa Leite

Como pano de fundo? O Sertão nordestino. O personagem? Antonio Silvino. Aqui realizo algumas análises das representações que o cordelista construiu para este cangaceiro. Entretanto, enfatizo que tais representações foram feitas quando Silvino não era mais cangaceiro, e sim um homem ressocializado, transformado pelos anos de prisão. Não obstante, Costa Leite insistiu em elaborar representações do homem valente, daquele que atuou no cangaço. Pode-se considerar então, que essas representações fazem de Antonio Silvino um mito sertanejo para o folheteiro. Duas representações parecem ter sido fixadas na figura de Silvino: a de homem que resolve os problemas causados pelos desordeiros do sertão e a do homem que coloca a mulher do lugar de submissa.

José Costa Leite elaborou quatro folhetos em que coloca Antonio Silvino para brigar com homens valentes do sertão. São eles: *A briga de Antonio Silvino com o Negro Dum Braço Só*, *A briga de Antonio Silvino com Zé do Cangaço*, *A briga de Antonio Silvino com Sabino de Mossoró*, *A briga de Antonio Silvino com o Valente Zé da Onça*. Nestes cordéis, há uma estratégia de escrita traçada pelo cordelista, que coloca Silvino como o sujeito que emerge na narrativa para resolver os problemas ocasionados por esses valentes. A história sempre se passa com Silvino chegando e se defrontando com um valente que está cometendo atos de vandalismo e de pronto se começa uma peleja para por fim Silvino com uma facada matar o desordeiro. Vejamos algumas partes do cordel *A briga de Antonio Silvino com o Valente Zé da Onça*:

Zé da Onça no sertão
Era muito respeitado
Fez sujeito valentão
Sair de noite, arribado
No lugar onde passava
De vez enquanto ele dava
Dia santo e feriado

Quase toda noite ele
Assaltava na estrada
Fazia roubo em fazenda
E assalto a mão armada
Quando ele metia os pés
Brigava por 8 ou 10
Não tinha medo de nada



Silvino um certo dia
Vinha de uma caçada
Na época de rabaça
Trazia a bolsa pesada
Silvino meio cansado
Viu Zé da Onça sentado
Bem na beira da estrada

Silvino avistando ele
O seu coração bateu
E ele vendo Silvino
Do lugar se remexeu
Ficou no rifle escorado
E disse a Silvino: - Cuidado
Que o macho daqui sou eu

Mas Silvino disse a ele:
-Você pode se assanhar
Quando estiver assanhado
De mãos eu vou lhe pegar
Eu sou Antonio Silvino
Cangaceiro nordestino
E vivo doido pra brigar

Silvino disse : - Moloque
Pra findar a brincadeira
Agora vai ser na faca
Deu-lhe logo uma rasteira
Que o negro caiu no chão
Silvino disse: -Atenção
Que agora é na peixeira

Mas Zé da Onça puxou
Sua peixeira também
E no ruge-ruge da luta
Faca vai e faca vem
Silvino meteu o ferro
Que o negro deu um berro
Igual apito de trem

E o negro era desordeiro
E era forte de mais
Muito ligeiro na perna
Além de astuto e sagaz
Era verdadeiramente
Muito disposto e valente
Porém Silvino era mais.

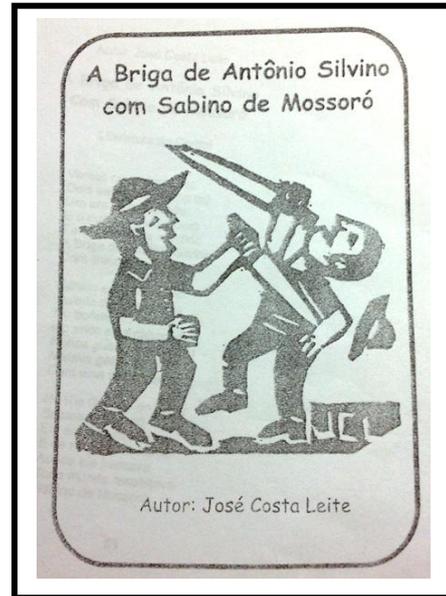
Como já mencionado, a estratégia também está presente no cordel *A briga de Antonio Silvino com Sabino de Mossoró* e Silvino novamente aparece como o que soluciona problemas de desordens.

Sabino era conhecido

Sujeito da vida errada
 No bofete, no cacete
 No soco e na cabeçada
 Nunca guardou desaforo
 Matava gente de estouro
 Com uma só bofetada

Antonio Silvino um dia
 Foi fazer compras na feira
 No Estado da Paraíba
 Na cidade do Teixeira
 E viu um cabra brigando
 A todo mundo insultando
 Era a maior bagaceira

Antonio Silvino disse:
 -Tenha cuidado, negrão
 Que eu sou macho também
 Nas terras do meu sertão
 A maldade não resisto
 Mas eu nunca tinha visto
 Um corno valentão



Disse Silvino: - Se apronte
 Que vou quebrar-lhe o pescoço
 Porque hoje aqui comigo
 Você vai comer ensoço
 Eu sou Antonio Silvino
 No meu sertão nordestino
 Moloque não fala grosso

Sabino disse: - Sujeito
 A você não me rebaixo
 Valentão igual a mim
 Vivo caçando e não acho
 Cuidado com a maré
 Deu um grande pontapé
 Que botou Silvino abaixo

O negro mais que depressa
 Para matá-lo, investiu
 Mas Silvino levantou-se
 Ligeiro que ninguém viu
 Aproveitou a parada
 E deu-lhe uma facada
 Que atrás a ponta saiu

O negro caiu ciscando
 No mesmo instante morreu
 Silvino disse: -Moleque
 Você lutou mais perdeu
 Viu o mundo escurecer
 Agora eu posso dizer
 Que o macho daqui sou eu

Tal estrutura narrativa se repete nos folhetos *A briga de Antonio Silvino com o Negro Dum Braço Só*, *A briga de Antonio Silvino com Zé do Cangaço*. Pode-se então considerar que para Costa Leite o cangaceiro é o defensor da ordem local, aquele que não admite a perturbação da calmaria do sertão por homens que se diziam machos, valentes e corajosos.

Além de defensor da ordem Antonio Silvino é responsável por colocar a mulher no lugar de submissa. Pois, sabe-se pela historiografia, que tal cangaceiro não admitia a presença feminina no cangaço, e não permitia defloramentos, diferentemente de seu sucessor Lampião. Acreditamos que tendo ciência disso, José Costa Leite escreveu o folheto: *A Briga de Antonio Silvino com Maria Jararaca*; em forma de peleja também é descrita a história:

Maria Jararaca era
Uma mulher cangaceira
Que andava com um rifle
De punhal e cartucheira
E pelo nordeste inteiro
Matou até cangaceiro
De punhal e de peixeira

A Jararaca nasceu
No sertão do Ceará
Ela atuou em Granjeiro
Em Pacatuba e Tauá
Redenção e Umari
Canindé e Aracati
Saboeiro e Quixadá

A Maria Jararaca
Era pirão pra doente
Além de andar assaltando
Vivia matando gente
O povo chamava ela
De cangaceira valente

Ela era Cearense
Nosso solo nordestino
Atuou na Paraíba
Fez valentão falar fino
Deu bofete e cabeçada
Mas vamos ver a brigada
Dela e Antonio Silvino

Antonio Silvino um dia
Na cidade do Ingá
Se aproximou duma venda
E Maria estava lá



Quando Silvino chegou
Maria se levantou
E contou seu Be-a-bá.

Disse Silvino: Quem foi
Que mandou falar comigo?
Ela disse: - Fui eu mesma
Porque não temo a perigo
Já conheci no roteiro
Que você é cangaceiro
Não pode ser meu amigo

Silvino deu-lhe um bofete
Que fez ela revirar
E disse: -É você
Quem deve me respeitar
Você é besta, bandida
Deixe de ser enxerida
Se apronte pra apanhar

Meteu-lhe o pé na cara
E disse assim: - Tire a forra
Comigo você se lasca
Se não quiser morrer, corra
Sou igual a Lobisomem
Nunca apanhei de um homem
Quanto mais de uma cachorra

- Nunca bati em mulher
Mas aqui você entroncha
Foi você quem procurou
E vai ficar toda troncha
Se você não se arreda
É queda em cima de queda
É roncha em cima e roncha

Mas Maria levantou-se
Com toda gota serena
E agarrou-se com Silvino
Sem ter compaixão nem pena
Armou-se com uma faca
Dizendo assim: - Jararaca
Vai agora entrar em cena

Bateu com força na nuca
Que ele foi ao chão
Mas pegou na perna dela
Com força e disposição
Meteu-lhe a faca por baixo
E naquela hora eu acho
Que ela não achou bom, não

Quando ele puxou a faca
A negra saltou de lado
O sangue correu e ela

Soltou um berro danado
Então Silvino notou
Que a sua faca furou
Onde já era furado...

Mas Maria fez carreira
Em ponto de assombração
Dizendo: - Já vi que ele
Não é de brincadeira, não
Foi-se, nunca mais voltou
E ali no chão, deixou
O rifle e a munição

Cangaceira com ações e posturas dos valentes do sertão, aquela que afronta a fala masculina, bandida, enxerida, cachorra, a mulher que apanha, violada pela faca, a que arredou da briga. Todas essas representações de Maria Jararaca, a começar pelo nome de cobra traiçoeira, são afrontas ao que Silvino representa para o cordelista: força, virilidade, o que não luta com mulheres, o que não permite defloramentos, aquele que entende a mulher como submissa, pacata, casta e obediente. Apesar de perceber uma forte relação de gênero e disputa de espaços do ser masculino e dos ser feminino é Antonio Silvino que finda a peleja como o vencedor, como o que colocou a mulher no lugar de subserviência. Costa Leite retoma assim o discurso de mitificação do cangaceiro que se dizia não ofender mulheres, crianças e velhos, pois cada um tinha sua função social, que não podia ser a mesma do homem.

Essas duas representações do cangaceiro Antonio Silvino: a do homem que resolve os problemas causados pelos desordeiros do sertão e a do homem que coloca a mulher do lugar de submissa, se tornam significativas para mostrar como é possível sair da dicotomia de ser o cangaceiro herói ou bandido. Essa mitificação já está dada, produzida como discurso homogeneizante. Entretanto é necessário ainda investigar muitas outras representações de sujeitos que são mitificados pelos folheteiros com nuances que a documentação permite elaborar e que ainda não foram elaboradas.

Reescrever a trajetória de vida, pelo viés das representações que são elaboradas para certos sujeitos, é um caminho que me parece profícuo para os interessados na produção dos percursos de vida, pois tem por princípio básico, que uma vida não pode ser apreendida em sua totalidade, mas sim de forma parcial, fragmentada, por meio de documentos e analisando as representações que são elaboradas sobre si e sobre o outro.

Referências e fontes:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de Inventar o passado**. Bauru: EDUSC. 2007.

BARROSO, Gustavo, **Almas de lama e aço**. São Paulo: Cia. Melhoramentos, 1930.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 11. ed. São Paulo: Difel, 2003.

BELTRÃO, Luiz. **Memórias de Olinda**. Recife. Coleção Tempo municipal. Centro de estudos de História municipal. 1996.

BOAS, Sérgio Vilas. **Biografismo**: reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: UNESP, 2006

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p.183-191

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 2002.

DANTAS, Sérgio Augusto de Souza. **Antonio Silvino**: o cangaceiro, o homem, o mito. Natal. Cartograf. 2005.

DOSSE, François. **Le pari biographie**: écriture une vie, Paris: La Découverte, 2005

GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004

HOBBSAWM, E. J. **Bandidos**. Forense-Universitária. RJ – 1975. p. 62

HUNT, Lynn.(org.) **A Nova História Cultural**. São Paulo. Martins Fontes. 2001.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p.167-182

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.) **Jogos de Escala**: a experiência da microanálise. 1ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 1998

OLIVEIRA JÚNIOR, Rômulo José F. de. **Antonio Silvino**: De Governador dos Sertões a Governador da Detenção (1875-1944). Recife: Ed. Bagaço, 2012.

PIRANDELLO, Luigi. **Um, nenhum e cem mil**. São Paulo. Cosac Naify. 2002.

SOUTO MAIOR, Mario. **Antonio Silvino o Capitão de Trabuço**. Edições arquimedes, 1969. p.34.

VIANA FILHO, Luiz. **A verdade na biografia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1945.

Sites:

http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/JoseCostaLeite/joseCostaLeite_biografia.html.

Acesso em 16 de outubro de 2013.

http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=607&Itemid=195. Acesso em 16 de outubro e 2013.

Documentos:

A briga de Antonio Silvino com o Negro Dum Braço Só

A briga de Antonio Silvino com Zé do Cangaço

A briga de Antonio Silvino com Sabino de Mossoró

A briga de Antonio Silvino com o Valente Zé da Onça.

Jornal Pequeno, 28/11/1914.

Artigo Aceito em 20 de outubro de 20 de outubro de 2013-12-07

Artigo Aprovado em 14 de novembro de 2013 pela Profª Dra. Maria Ângela de Faria Grillo (UFRPE)